

Sobre o Conceito de Acidente Histórico em Antropologia Cultural

FLORIVAL SERAINE

To reduce anthropology to history, or to separate it from history, is to impoverish it. (David Bidney)

A investigação cultural importa, sem dúvida, o conceito de *acidente histórico*. Entretanto, para que o mesmo logre significado metodológico, mister se faz que a sua órbita semântica não ultrapasse certos limites, que só poderão ser traçados através de um conhecimento amplo e minucioso da realidade sócio-cultural, histórica. Em outros termos, trata-se de um conceito que deve ser manejado com toda precisão e rigor significativos, com uma bem determinada especificação do seu conteúdo ou particularização de sentido, a fim de evitar que, projetado no campo da investigação cultural, se dilua ou se torne por demais elástico, a ponto de se confundir com outros conceitos afins, e até mesmo com o de fato ou acontecimento histórico, que se deve reconhecer aqui como de expressão genérica. (1)

1) — É evidente que a distinção efetuada por Northrop entre "*concepts by intuition*" e "*concepts by postulation*" coincide com os nossos juízos a respeito. V. Northrop, F. S. C. — *MAN, NATURE AND GOD* — New York, 1962 — pp. 78 e seg. Estudando a "significação formal" e a "significação empírica" dos signos,

Vê-se, pois, que o nosso objetivo central é examinar a validade heurística do conceito, sua eficácia operativa, quando se trata de analisar e explicar a marcha ou dinâmica do processo cultural, para — o que é de suma importância — poder-se chegar a compreender a apresentação atual de certos fenômenos e até mesmo de segmentos ou aspectos de uma cultura na funcionalidade sincrônica.

Voltaremos, a propósito, com certo detalhe, linhas adiante. Mas, procuraremos esclarecer o sentido em que geralmente é tomada a expressão no domínio do estudo cultural.

Antes do mais, acentuaremos que o conceito de *acidente histórico* tem sido, de ordinário, considerado em face do de *tendência cultural*. Sua compreensão é relativa a deste outro e não poderá ser alcançada integralmente sem um confronto das referências mentais constitutivas, das notas objetivas que atribuem os estudiosos da cultura a cada um deles. Em verdade, ambos são conceitos cuja expressão reflete o dinamismo e a mudança culturais. Portanto — nesse sentido, que é, aliás, inerente ao próprio conceito de cultura enquanto expressão da realidade vital — não podem ser considerados conceitos polares ou mesmo contraditórios; são apenas conceitos que se opõem ontologicamente sob a perspectiva do investigador, interessado em distinguir e contrastar, com objetivos metodológicos, as modalidades factuais, as condições dinâmicas em que se efetuam ambos os processos, no *continuum* heterogêneo e uno da realidade cultural — histórica. Evidentemente, não expressam oposições tão marcadas como a que se destaca, por exemplo, dos conceitos de *estabilidade e mudança* culturais, embora entre estes, no plano da investigação, deva existir uma relação de interdependência com interesse fundamental.

palavras, fórmulas ou frases, Rougier parece-nos esclarecer convenientemente o assunto, frisando que “as ciências lógico-matemáticas reclamam apenas a “coerência do pensamento consigo próprio”, enquanto que nas ciências do real está implicada sempre a “correspondência do pensamento com um dado prévio” — um objeto, um acontecimento, um comportamento, uma situação, um dado imediatamente vivido” V. L. Rougier — LA MÉTAPHYSIQUE ET LE LANGAGE — Paris, 1960 — pp. 19 e segs.

Em síntese, esclarecemos que, enquanto o *acidente histórico* concerne a mudanças que decorrem de acontecimentos surgidos de modo inopinado, fora de todo seguimento ou continuidade previstos, quer do exterior, quer do seio da própria cultura, a *tendência cultural* diz respeito a modificações menores que alteram o caráter e a forma de um modo de vida, mas em que a continuidade dos acontecimentos é manifesta. Em última análise, provém esse conceito “da idéia de uma cultura como consenso de variáveis nas crenças e modos de comportamento de um povo”. Note-se, porém, que essas variantes apenas são dinamicamente significativas quando começam a acumular-se, dando, nesse caso, rumo à mudança cultural (Herskovits). O significado antropológico dessa expressão — como se sabe — decorre da extensão do sentido de outra, anterior, elaborada por Sapir (2) — o de *tendência lingüística* — que, aliás, nem sempre tem merecido a aprovação dos estudiosos, propensos a encontrar no seu conteúdo semântico implicações eivadas de misticismo, isto é, que não se ajustam perfeitamente às exigências objetivas do pensamento científico.

Com esses antecedentes conceptuais, a *tendência cultural* abrange as mudanças decorrentes do acúmulo de pequenas variações ocorridas em determinada direção e que, depois de

2) — Sapir, E. — LANGUAGE — New York, 1921. V. principalmente o capítulo VII — sobre a evolução lingüística. São expressões do lingüista norte-americano: “A evolução de uma linguagem é constituída por uma seleção inconsciente de variações individuais que tendem todas para um certo ponto, seleção feita involuntariamente por aqueles que falam a linguagem”. “Cada palavra, cada elemento gramatical, cada locução, cada acentuação, cada som é submetido a uma lenta transformação, modelada por essa corrente invisível e impessoal que constitui a vida da linguagem. É de uma evidência gritante que essa corrente evolutivo segue uma direção certa e constante; sua velocidade varia enormemente, segundo condições que nem sempre é fácil determinar”. Há quem prefira à expressão *tendência* os termos *impulso* e *deriva* (drift), mas não nos parece de grande significado semântico essa mudança vocabular. A verdade é que — como anotou Herskovits — “o impulso (ou tendência) cultural deve ser considerado como a expressão do processo mediante que algumas variantes vêm a ser de maior importância que outras, para um povo particular num determinado tempo”.

certo período de tempo, acarretam modificações culturais quase imperceptíveis à sucessão dos fatos quotidianos.

A nosso ver, cabe-nos porém, estabelecer, o quanto antes, as diferentes categorias epistêmicas de fenômenos, que ocorrem quando se trata de um acidente *histórico*.

Consideramos três ordens de objetos-temas, que, no caso, devem ser distinguidos: 1.º) o acontecimento ou fato histórico propriamente dito, surgido de forma imprevista, inesperada, a ocasionar, ou não, alterações no contexto sócio-cultural; 2.º) os elementos, traços ou complexos culturais que dele promanam ou que ele conduz, e que a sociedade receptora, seletivamente, aproveita e inclui no seu quadro cultural; bem assim, aqueles elementos ou instituições que, em conseqüência ou em vista da ocorrência histórica, são eliminados bruscamente; 3.º) as modificações operadas no sistema de crenças e comportamentos próprios à cultura em foco, ocasionados mediata ou imediatamente, próxima ou longinquamente, direta ou indiretamente, pela introdução ou supressão, no contexto sócio-cultural, dos traços ou complexos aludidos.

O conceito só importará verdadeiramente para a investigação se for estabelecida essa distinção radical, que, não obstante, se torna às vezes difícil de ser realizada, exigindo certa perspicácia e capacidade discriminadora, mormente em relação aos casos de inventos ou descobertas, que nem sempre será fácil de distinguir por complexo das inovações oriundas de simples *tendências culturais*.

Poderemos, assim, acrescentar que três planos científicos ou teóricos deverão ajustar-se no estudo dos *acidentes históricos* encarados em sua visão global, a saber, o da História, o da Etnografia e o da Antropologia Social ou Sócio-Cultural, podendo, contudo, reunir-se os dois últimos num só campo de estudos.

Se o conceito de *acidente histórico* — como já se tem acentuado — “não possui matiz qualitativo e não postula a questão das causas, reconhecendo mesmo fatores múltiplos que possam servir de causa”, o certo é que para adquirir o mesmo validade heurística ou metodológica terá de ser considerado em atenção à perspectiva do investigador, interessado

por determinada sociedade ou cultura, em que — é mister notar-se — buscará especialmente a reiteratividade e a regularidade dos fenômenos sócio-culturais.

Quando o acidente histórico ocorreu no seio da própria cultura e se relaciona a um invento ou descoberta, a localização espacial ou geográfica do acontecimento, evidentemente, não encontrará alternativa capaz de complicar a marcha da investigação, quanto a seus resultados positivos. Entretanto, quando se trata de elementos culturais, vindos do exterior, o problema poderá suscitar, em certos casos, interpretações variáveis, sobretudo nos casos de contactos culturais, mais ou menos prolongados, contínuos e diretos, ou seja, quando se processa “transculturação”.

Sem dúvida, a chegada dos europeus à América e seus contactos culturais com os indígenas pode ser considerada pelo investigador como o acidente histórico inicial, que deu origem a importantes modificações nos padrões culturais preexistentes. Mas, a quantidade de empréstimos culturais indígenas, que determinaram mudanças em aspectos da cultura européia a partir do século XV, foi bastante significativa ao ponto de um estudioso observar que o nível de vida europeu só começou a elevar-se em seguida ao contacto com as Américas.

Certamente, no caso, o conceito de acidente histórico será aplicado pelo antropólogo em relação às culturas européias se estas constituírem o foco da sua análise na sucessividade temporal, e vice-versa, com respeito às culturas indígenas.

Há ainda o aspecto de a análise antropológica convergir para a apreciação do fenômeno em relação à cultura humana em geral, isto é, considerada em sua totalidade espacial e temporal, no sentido do desenvolvimento histórico das aquisições culturais da humanidade.

Sem dúvida, os juízos de valor que aqui se formularem como base da conceituação, imprimirão sentido peculiar à perspectiva do analista cultural.

Ao contrário do que sucede, em geral no tocante às *tendências culturais*, que se constituem progressivamente, nos casos de *acidente histórico* os fenômenos se acham, não raro,

ao alcance da percepção dos membros da sociedade em que eles se verificam. Quando nada, o evento, o empréstimo, a invenção, pela maneira inesperada e brusca com que aparecem, se tornam ressaltantes, facultando ao investigador a possibilidade de seguir com relativo desembaraço as modificações por eles operadas nos contextos sócio-culturais, as quais, por vezes, atingem seus mais variados aspectos ou setores. E são estas conseqüências, estas mudanças, que decorrem, embora com intensidade diversa, tanto dos acidentes históricos como das tendências culturais, que têm merecido as atenções principais dos antropólogos, como objeto da sua análise científica. Façamos, contudo, incidir o nosso interesse apreciativo sobre as orientações metódicas que devem seguir as pesquisas em que o tema capital a investigar recaia sobre a problemática do *acidente histórico*.

Como bem acentuou S. F. Nadel, “os acontecimentos históricos podem ocorrer ante a nossa mirada intelectual na dimensão temporal presente, e não só no passado das culturas e das sociedades, mas são os acontecimentos do passado, que, sendo como foram, cousas acabadas, *res gestae* e havendo tido suas conseqüências particulares, que constituem os exemplos mais típicos dos sucessos “precisamente assim”, que limitam nossa busca de regularidades”. (3)

Está visto, portanto, que o *approach* histórico é, sem dúvida, necessário e constituirá mesmo a fase inicial da investigação, com a busca de documentação e o emprego de métodos de análise histórica da mesma, a fim de determinar os momentos e as circunstâncias históricas em que surgiram o acontecimento e/ou a série de fatos de que procedem as mudanças culturais observadas. Entram, em seguida, as tarefas próprias do etnólogo e do antropólogo social, as quais, embora não prescindindo das anteriormente citadas, constituem, em última análise, o objeto particular do nosso interesse científico. Consideradas as culturas dos pontos de vista do seu dinamismo e da funcionalidade que lhes são reconhecidas, como

3) — Nadel, S. F. — THE FOUNDATIONS OF SOCIAL ANTHROPOLOGY — Londres, 1951 — Na tradução espanhola — “Fundamentos de Antropologia Social” — México, 1955 — p. 25.

“processos padronizados”, (4) poderemos examinar os *acidentes históricos*, segundo métodos de investigação que nos permitam apreciar o seu significado autêntico na moderna interpretação antropológica. Porque nosso objetivo central, de acordo com as últimas aquisições teóricas e metodológicas, no setor da análise cultural, deverá consistir em investigar e esclarecer convenientemente, nos diferentes níveis diacrônicos, as mudanças funcionais e estruturais operadas por esses fatores imprevisíveis, causadores de extensas, profundas e, às vezes, dramáticas alterações no desenvolvimento histórico das culturas humanas. Tarefa, sem dúvida, bem mais difícil do que a simples investigação histórica de caráter atomístico ou a busca de reconstruções históricas baseadas em hipóteses e conjecturas, em que se excederam, às vezes, ilustres adeptos da escola difusionista.

A carência de dados seguros sobre o funcionamento de sociedades ou culturas em épocas pretéritas é, certamente, obstáculo de vulto a realizações desse gênero, que deverão efetuar-se, de modo sucessivo, na “sincronia diacrônica”, para usar as expressões do lingüista B. E. Vidos. (5)

A reação de Malinowski e seus seguidores contra os estudos genealógicos, daqueles que buscam apenas ocupar-se da origem e o desenvolvimento das formas culturais, teve, sem dúvida, o seu momento de alta expressividade no que tange ao progresso da ciência antropológica, foi após criticada e combatida por suas deficiências na compreensão da realidade cultural, mas fincou um marco teórico e metodológico que jamais será derruído em suas construções básicas.

Casos como o da invenção do automóvel que — segundo frisou Herskovits — de início podem suscitar dúvidas quanto à sua caracterização como verdadeiro *acidente histórico*, pois, esse invento poderá ser concebido como a acumulação de longa série de acontecimentos mínimos, “indo desde a carrua-

4) — Bidney, D. — THEORETICAL ANTHROPOLOGY — New York, York, 1960 (3.ª ed.) — pp. 280, 374 e segs.

5) — Vidos, B. E. — EMPRUNT ET TECHNIQUES — In “Actas do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica” — Vol. I — Lisboa, 1961 — p. 295.

gem sem cavalo a um veículo destinado a velocidades superiores, em função de princípios aerodinâmicos”, a invenção do automóvel — dizíamos — acusa seu interesse à investigação sócio-cultural, não tanto pelo utilíssimo e, sem dúvida, superior meio de transporte que é representado pelo veículo, o novo objeto cultural, ou o fato propriamente histórico do seu aparecimento e da série de eventos humanos e técnicas que o determinaram, mas pelas conseqüências de vária ordem que ocasionou no modo de vida, no comportamento dos indivíduos que integram as sociedades que o incorporaram ao seu patrimônio cultural. Em suma, são as alterações de ordem econômica do código moral, na organização interna das cidades, na própria vida familiar etc., decorrentes desse maravilhoso invento, que mais devem interessar aos estudiosos da cultura, para os quais nela se percebe uma rede de elementos funcionalmente inter-relacionados. (6)

Assim, o aparecimento de quaisquer inovações, advindas de acidentes históricos, aceitas e propagadas entre os membros de sociedades humanas, quer sejam os eventos de origem exterior, quer surgidos dentro da própria cultura, pouco representará na investigação antropológica, se o buscarmos examinar fora do contexto sócio-cultural, da cultura em funcionamento, olhada como um todo, constituído de elementos interdependentes, sem se esquecer, todavia, que, ontologicamente, a cultura integrada é aquela em que forma e função devem estar mutuamente adaptadas. E a grande conquista da ciência atual, o seu progresso está em haver situado o problema numa concepção “histórica” dos fenômenos culturais, em que a idéia da antinomia sincronia-diacronia deverá desaparecer, embora as técnicas de investigação para esses dois planos ou cortes na realidade cultural, divirjam por completo. “Todo estudo dos fenômenos culturais do ponto de vista do devenir histórico — escreve lucidamente Guizzetti — jamais será sistemático se não for resultado da comparação de uma série de

6) — Herskovits, M. J. — MAN AND HIS WORKS — New York, 1938 — V. o capítulo sobre “Tendência Cultural e Acidente Histórico”. Na edição brasileira o título do cap. citado é “Impulso Cultural e Acidente Histórico” (Editora Mestre Jou — S. Paulo, 1964 — II vol. — pp. 406 a 423).

momentos sincrônicos sucessivos, já que estes mostram as diversas estruturas culturais e permitem traçar as leis que sistematizam a mudança por ruptura do sistema e sua ulterior redefinição. Praticamente o mesmo pode afirmar-se das considerações pancrônicas, que, por outra parte, são as que mais interessam ao antropólogo cultural. Com efeito, pode perfeitamente afirmar-se que um fenômeno cultural só é acabadamente conhecido quando, além de poder determinar sua relação com a cultura total (função), pode traçar-se sua história através de diversos sistemas culturais sucessivos, que hajam sofrido diversas mudanças, até concluir no sistema dentro do qual é definido o fato cultural em apreço. Sem embargo, esta explicação pancrônica não poderá dar-se senão uma vez estabelecidas a sincronia e a diacronia.” (7)

No campo da Linguística, as idéias de *sistematização* e *sistematicidade*, segundo foram elaboradas por Cosseriu, (8) refletem o mesmo sentido fundamental dessas considerações que, no plano metodológico, se nos apresentam, ali, mais facilmente realizáveis do que no domínio sócio-cultural *lato sensu*, em virtude de o caráter funcional e estrutural da linguagem se achar melhor caracterizado e mais perfeitamente captável, ensejando técnicas de investigação já hoje bem determinadas e de resultados comprovados. Entretanto, os conceitos de *estrutura*, *função*, *sistema*, são reconhecidos analogamente no âmbito das idéias antropológicas e aceitos não só com respeito à sociedade, à organização e estrutura sociais propriamente ditas, mas à cultura mesma, aos elementos e complexos que a integram, ou às instituições, os “modos de conduta estandardizados”, que se articulam funcionalmente, estabelecendo entre si conexões pragmáticas, e que, pelo fato de ser ativadas, se interatuam quanto a suas finalidades,

7) — Guizzeti, G. F. — LA ANTROPOLOGIA CULTURAL COMO CIENCIA UNIFICADA FRENTE A LA TEORIA DE LOS NIVELES CULTURALES — Universidad Nacional del Litoral — Santa Fé (Argentina), 1963 — pp. 17-18.

8) — Cosseriu, E. — SINCRONIA, DIACRONIA e HISTÓRIA — Montevideu, 1958 — especialmente às pp. 154-155. V. também POUR UNE SÉMANTIQUE DIACRONIQUE STRUCTURALE — Estrasburgo, 1964 — especialmente pp. 150 e segs.

Essas instituições têm sido mesmo apreciadas no conjunto como estruturas funcionais que se desenvolvem em função de um núcleo central — “o objeto em posição dominante”, que “governo, dá nome e caráter ao todo, ao sistema”. (9)

Cabe-nos aqui abordar a distinção essencial entre o uso da noção de *estrutura* pela Antropologia Social inglesa, tradicional, e o seu emprego por antropólogos que partem das formulações teóricas de C. Lévy-Strauss.

Enquanto que para Radcliffe Brown e outros de mesma orientação científica a estrutura é “a expressão mesma de uma realidade empírica”, para Lévy-Strauss ela não se relaciona com essa realidade, mas com os *modelos* construídos à base dela. “O estruturalista tem por tarefa identificar e isolar os níveis da realidade que possuem valor estratégico do ponto de vista em que ele se coloca, ou, em outras palavras, que podem ser representados sob a forma de modelos, qualquer que seja a natureza destes últimos”. Modelos esses que, afinal de contas, são construções teóricas aspirando a um tratamento matemático. “O modelo formaliza o real e constitui na sua origem o avanço coordenado que revela a estrutura”. O próprio Lévy-Strauss não se esquece de frisar que antes de tudo, uma “estrutura oferece um caráter de sistema, consistindo em elementos tais que uma alteração qualquer de um deles acarreta modificação de todos os outros”. Mas não nos estenderemos a propósito, remetendo o interessado à extensa bibliografia sobre o tema. (10)

A verdade é que, ao examinar o problema, cabe-nos estabelecer as seguintes conclusões elucidativas: o fato histórico, imprevisível, abruptamente surgido, poderá ocorrer em qualquer sociedade humana; os artefatos, sociofatos ou mentefatos, isto é, as inovações procedentes daqueles sucessos histó-

9) — Nadel, S. F. — *Op. cit.* — V. o capítulo VI, sobre as instituições, sua standardização, sua interação, conteúdos de propósito etc.

10) — V., para orientação bibliográfica, as seguintes obras: Lévy-Strauss, C. — ANTHROPOLOGIE STRUCTURALE — Paris, 1958; Bastide, R. — SENS ET USAGE DU TERME STRUCTURE — Gravenhage, 1962; Viet, J. — LES MÉTHODES STRUCTURALISTES DANS LES SCIENCES SOCIALES — La Haye, 1965.

ricos poderão ser apresentadas a quaisquer sociedades ou agrupamentos humanos; entretanto, o que não se poderá afirmar que ocorra em todos estes é a aceitação das aludidas inovações e sua incorporação ao quadro cultural preexistente, fator este das mudanças que tanto interessam ao antropólogo cultural.

Está claro que nas sociedades em crise, em desintegração cultural, ou que em determinado momento histórico não revelam distintamente sistema peculiar de valores culturais ou cosmovisão própria, como as que se acham em certas fases de um processo aculturativo, o acidente histórico poderá suceder e mesmo ser apreendido pelo historiador, mas se a sociedade onde ele ocorreu não se acha em condições de acolher as novas formas culturais dele decorrentes, por deficiência das condições intrínsecas necessárias à sua captação funcional e/ou formal, esse acidente histórico jamais fornecerá ao investigador uma perspectiva empírica capaz de merecer o interesse da sua análise especializada. Não será demais focarmos o tema, aqui, sob o prisma da seletividade, tomando, pois, em consideração os fatores psicológicos que influem sobre a aceitação e a rejeição de novos elementos, com os aspectos tão notórios das *reinterpretações* ou *reformulações* culturais, e mesmo, a irrupção daqueles movimentos contra-aculturativos, que visam a restaurar as sanções de modos de vida anteriores aos contactos.

Não nos estenderemos a respeito, pois o que buscamos ressaltar neste trabalho não é, particularmente, o problema da mudança cultural em si, encarada de um restrito ângulo da pesquisa etnológica.

Interessa-nos sobretudo a discriminação dos aspectos históricos com que se apresentarem os fatos em seu encadeamento genético, o seu total processo histórico, distinguindo os que caracterizam a *tendência cultural* daqueles que assinalam o *acidente histórico*, sem, contudo, fugir à evidência de que, para o interesse metodológico, o histórico e o cultural se inter-relacionam e não podem ser isolados ou contrapostos na investigação científica.

E só por meio da análise funcional — consoante já referimos — quer no plano sincrônico, quer no da diacronia, encaradas, pois, a cultura e a sociedade de um ponto de vista sistemático, lograremos captar e dar relevo suficiente ao aspecto histórico da dimensão cultural, estudando-a de modo verdadeiramente científico, em toda a amplitude teórica da sua problemática.

E mais: os problemas que ressaltamos não apenas importam no que concerne à Antropologia teórica. São de magno interesse para a Antropologia aplicada.

Di-lo muito bem um antropólogo dos nossos dias, confessadamente behaviorista: “A inovação para ter êxito, exige entre outras coisas uma estrutura social básica em que possa ser enxertada. Significa isto simplesmente que em todas as sociedades as instituições tradicionais têm papéis reconhecidos; se for possível integrar nestes papéis tradicionais ou associar-lhes novas formas, elas terão melhor possibilidade de ser aceitas do que se não houver nada em que se apoiarem”. “O determinado instante em que uma inovação apareça numa situação de mudança terá muito a ver com sua aceitação ou rejeição. O êxito de uma inovação, segundo se observou, depende em grande dose das circunstâncias sustentadoras que possam existir, assim como do reconhecimento pelo povo da necessidade da coisa nova. Mas, num período de rápida mudança, o número e as forças dos fatores que favorecerão as probabilidades de aceitação de determinado objeto flutuarão através dos anos. Se a inovação aparecer no momento em que os fatores sustentadores estiverem no “auge”, as probabilidades de aceitação serão excelentes. Se aparecer no momento em que eles estejam reduzidos ao mínimo, será provável a rejeição. O agente de mudança hábil é aquele que é capaz de reconhecer quando chegou o momento propício para a fase seguinte do seu programa e que tem paciência para esperar até que chegue esse momento.” E, por fim, resume: “O problema do ‘ajustamento’, estudado cientificamente, mostra que há uma série de fatores que têm contribuído significativamente para a introdução de novas formas de comportamento, fatores esses que compreendem coisas tais como valores cul-

turais, formas sociais, padrões motores e realidade econômica". (11)

De passagem, acentuamos a importância dos resultados a que chegou Barnett, depois das suas pesquisas entre grupos indígenas do Noroeste da Califórnia, encarados sob o aspecto de sua reação em fase da influência européia. É digna de ressalto a sua hipótese da "equivalência funcional", segundo a qual as antigas funções "podem ser conservadas quando correspondem a formas novas, e cuja ausência provoca a desmoralização do grupo submetido, que não pode resistir à imposição desses novos modos pela sociedade dominante". (12)

O problema das interferências culturais, tendo como enfoque analítico as respostas, verbais ou de conduta, às mensagens codificadas, em sua relação com uma escala de valores ou sistema axiológico, visando atuar praticamente sobre o educando, o doente ou o "subdesenvolvido" nos sentidos bio-cultural e sócio-cultural — eis um dos temas centrais em que se buscará fundamentar todo programa no setor moderno da Antropologia aplicada. (13)

Não podemos fugir a essas considerações que, decerto, não se acham desligadas por completo do nosso assunto primordial, visto que, quando nada no tocante aos receptores, caberá sempre uma perspectiva histórica "acidental" nos casos de inovações imprevistas, mesmo as introduzidas cientificamente, com sentido metacultural, pelos antropólogos.

Sem dúvida, verificam-se ocorrências em que se operam fenômenos tão surpreendentes, como os "deslocamentos brutais do *focus* cultural", que mais devem atrair as atenções do investigador, quando busca compreender a natureza, a razão

- 11) — Foster, G. M. — AS CULTURAS TRADICIONAIS E O IMPACTO DA TECNOLOGIA (1.^a ed. brasileira) — São Paulo, 1964 — pp. 150 e segs. (Títulos do original inglês: TRADITIONAL CULTURES: AND THE IMPACT OF TECHNOLOGY).
- 12) — Barnett, H. G. — Ap. Herskovits — Op. cit. — Cap. Cit. — V. também INVENTION AN CULTURAL CHANGE — In "American Anthropologist" — vol. 44 — n.º 1 — jan.º — março 1944 — pp. 14-30 e CULTURE PROCESS — In *American Anthropologist* — vol. 42 — n.º 1 — pp. 21-48.
- 13) — Guizzetti, G. F. — NUEVOS APORTES A LA ETNOLINGÜÍSTICA — Separata de "Anales de Arqueologia e Etnologia" — Mendoza (Argentina) — Tomo XVI — Ano 1961 — pp. 31-32.

de ser e a forma que assumem as modificações nos contextos sócio-culturais, tanto progressivas, como bruscas.

E devemos também não esquecer aqueles *acidentes históricos* que atuam de modo negativo, determinando a supressão ou eliminação violenta do contexto cultural, de formas de comportamento, modos de vida tradicionais, em certas comunidades ou grupos sociais, particularmente como decorrência da imposição de uma autoridade central, administrativa. Tais fatos costumam acontecer em sociedades coloniais ou outras, submetidas à dominação estrangeira. Também nas camadas de *folk* tem-se observado tais sucessos, mesmo na época contemporânea, podendo advir a imposição, nesses casos, de ordens emanadas de autoridades da própria administração nacional, regional ou local.

Citaremos um exemplo característico. Há alguns anos as autoridades eclesiásticas do Ceará resolveram proibir a realização da Festa dos Caboclos, que, há séculos, se vinha efetuando na pequena vila de Parangaba, com repercussões na vida social dessa localidade, ou ao menos, de certos setores da mesma. A razão alegada era de que, na aludida festividade, ocorriam aspectos profanos, destoantes do sentido religioso de que se deveria a mesma revestir, ligada, que sempre fora, desde remotos tempos, a cerimônias efetuadas no interior do próprio templo local.

Essa festa, espécie de “folia”, que — segundo se presume — foi organizada inicialmente por missionários lusitanos, na época colonial, com a participação de indígenas e mamelucos, mobiliza as atenções e atividades de um grupo de habitantes da região, durante meses, pois os caboclos realizam peregrinação pelos povoados e fazendas vizinhos, onde “cantam o terço” e às vezes pernoitam, só voltando a Parangaba pelas vésperas do Natal. De regresso, são acolhidos à entrada da vila por centenas de pessoas, que depois enchem literalmente a Praça da Matriz acompanhando aos protagonistas, os quais conduzem o estandarte e a coroa do Bom Jesus. Pois bem, a quem se proponha no futuro empreender estudo completo da Festa dos Caboclos, o desconhecimento de documentação histórica ou de informes seguros sobre essa ordem clerical, po-

derá criar embaraços à investigação, podendo a suspensão forçada da tradicional celebração sugerir ao analista o resultado de um processo lento de desintegração, o manifestar de nova direção imprimida progressivamente a tendências culturais. E, certamente, na perspectiva sincrônica, encontrará ele situações funcionais dificultosas de compreender ou ser explicadas.

Com efeito, embora se considere a presença de um *ethos* dominante nas culturas, cumpriria — como faz notar Gorer — levar-se também em conta, nos estudos diacrônicos, as diferentes *ethoses* que concernem aos subgrupos sociais, aos grupos secundários subjacentes, observando-se as variações delas nos diferentes grupos através do tempo, o seu processo de mútua interação, suas relações com o *ethos* dominante, bem assim as repercussões que elas possam exercer sobre a sociedade, como um todo.

O que dificulta essa análise no campo da história decorre especialmente do fato de essas *ethoses* secundárias não disporem, em geral, dos meios de elaboração simbólica, de comunicabilidade, que se verificam em grau mais acentuado em relação ao *ethos*.

A consideração pancrônica do problema exigirá, sem dúvida, o cumprimento de todos esses difíceis requisitos da análise funcional e histórica, na certeza de que, do ângulo da metodologia da pesquisa, o contraste entre as abordagens sincrônica e diacrônica é relativo: “em uma perspectiva sincrônica certo grau de atenção é dispensado às descrições, fornecidas por informantes, de modificações ocorridas desde épocas primitivas, recordadas ou legendárias; e mesmo numa explanação diacrônica ter-se-ia de partir de uma descrição sincrônica”. (14)

Em suma, se podemos firmar a compreensão dos contextos sócio-culturais como sistemas “que mudam como sistemas, ou seja, que se fazem sistematicamente” — para usar aqui

14) — Gorer, G. — SOCIETY AS VIEWED BY THE ANTHROPOLOGIST — In “The Cultural Approach to History” — Columbia University Press — New York, 1940 — pp. 26-27 e segs.

as expressões de um pensador da linguagem (15) — por certo essa concepção não poderá ser tomada com a rigidez e o grau de infalibilidade que lhe poderiam atribuir certas conceituações deterministas do processo cultural. (16) Admite-se perfeitamente a integração da cultura, a interdependência funcional de seus elementos a constituir sistema, mas “sistema aberto”, pois seria absurdo negar a influência do indivíduo, a liberdade humana, fator de continuidade e inovação; impossível obscurecer a criatividade humana, apesar das limitações culturais. (17)

Destarte, nosso ponto de vista, a respeito, não será o mesmo daqueles que apenas admitem o acidente histórico quando procedente do exterior à sociedade em exame e cuja idéia, às vezes tão bem elaborada racionalmente, não se ajusta de modo pleno à realidade cultural e histórica.

Mas, de qualquer sorte, será de importância na investigação averiguar como, até que ponto e em que direções se fazem sentir as rupturas do sistema ocasionadas pelos acidentes históricos determinantes de alterações culturais nas sociedades onde apareceram, bem assim, como estas se reconstituem em seus modos de vida após essas rupturas e como vem a se caracterizar o próprio sistema em sua reelaboração morfo-funcional. Os dados que Ralph Linton apresenta nesse sentido, focalizando as extensas modificações operadas na cultura e na sociedade Tanala, de Madagáscar, com a introdução do cultivo de arroz pela irrigação, tomado de empréstimo aos Eettsileo, permitem-nos apreciar em sucessivos momentos históricos a maneira pela qual desintegração e reintegração se efetuam lado a lado, durante todo o processo da mudança cultural. (18)

15) — Coseriu, E. — *Op. cit.* — pp. 154 e segs. V. o cap. V — “Sincronia, Diacronia e História”.

16) — Bidney, D. — *Op. cit.* — pp. 394 e segs. (Integração Teleofuncional).

17) — Linton, R. — *THE STUDY OF MAN: AN INTRODUCTION* — N. York, 1936 — V. o cap. sobre “Integração”.

18) — Baroja, J. C. — *RAZAS, PUEBLOS Y LINACES* — Madrid, 1937. V., especialmente, a p. 22 — Anote-se, a propósito, o recente artigo “EL MÉTODO ETNO-HISTÓRICO Y SU CONTRIBU-

Os óbices à realização das tarefas segundo essa visão unitária, dinâmica e funcional, das culturas — como antes se referiu — são às vezes intransponíveis, pois há sociedades acerca de que nos faltam as “evidências” que são fornecidas pela documentação histórica contemporânea ou os achados arqueológicos. Eis a razão por que tiveram os etnólogos que recorrer a técnicas ou processos para a análise da “distribuição de traços culturais”, que lhes daria a probabilidade histórica sobre os contactos verificados entre culturas sem tradição escrita, e, mesmo, embora em plano conjectural ainda menos seguro, a seqüência em que esses contactos se processaram. Entretanto, contaremos assim — segundo já se esclareceu — apenas com “possibilidades históricas”, que não trazem, de ordinário, solução aos problemas do enquadramento funcional e estrutural dos elementos e dos fatos que, dessincronizados, devem adscriver-se a momentos cronológicos e a situações culturais diferentes, para o conhecimento dos quais — está claro — se faz mister a competente documentação.

Não devemos esquecer aqui o uso do método chamado *etno-histórico*, as pesquisas e técnicas exercidas por um Herskovits, por exemplo, quando trata de elaborar aquela “Escola de intensidade dos africanismos no Novo Mundo”, bem assim os já famosos estudos de Redfield sobre as variações culturais em quatro comunidades vizinhas de Yucatan, sem falar dos estudos de aculturação, tão em voga, que já se podem basear em documentação histórica, e não sobre reconstruções hipotéticas.

O certo, porém, é que, a propósito do assunto, são dignas de toda a consideração essas expressões do etnólogo espanhol Caro Baroja: “As críticas de Malinowski, dirigidas aos que pretendem reconstruir a história das sociedades primitivas sem mais dados que os proporcionados por tais sociedades, é legítima, mas não há porque estender sua influência a sociedades que contam com um passado cognoscível à luz de fontes numerosas e variadas e a comparação entre as sociedades

CIÓN A LA ANTROPOLOGIA AMERICANA” por Alfredo Jiménez Nuñez — In “Revista Española de Antropología Americana” — vol. 7:1 — Madrid, 1972 — pp. 163-196.

passadas e as presentes dentro de uma mesma área pode ser de grande interesse, inclusive de um ponto de vista funcional". (19)

É assim que, de posse de elementos históricos valiosos, contidos em obras fidedignas, como as de Gandavo, Ivo d'Evreux, Knivet, Ruiz de Montoya, Hans Staden, Von den Steinen e outros, pôde o etnólogo Egon Schaden fornecer sólida explicação do processo cultural, através de séculos, dos Guarani ainda existentes no Sul do Brasil.

Depois de fixar o *ethos* dominante nessas sociedades indígenas e mostrar que, em sua cultura, se encontra no sistema religioso a expressão máxima da unidade funcional, o estudioso brasileiro oferece margem a uma perfeita compreensão do emprego das técnicas funcionalistas no estudo da cultura em diferentes níveis diacrônicos, examinando assim os modos de vida das sociedades que o ocupam, desde o *acidente histórico* da vinda das missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII até a época contemporânea, marcada pelas conseqüências da mestiçagem e da destribalização. (20) Deste modo, aprecia, na medida do possível, o *processo* e o *grau* da integração (e da desintegração) sócio-culturais, em fases históricas sucessivas; permitindo que se possa apreender as rupturas do sistema e sua posterior redefinição, como resultado de acontecimentos históricos do gênero dos que ora focalizamos.

Vê-se, pois, como se justifica e pode ser útil metodologicamente o emprego de conceitos como os de *acidente histórico*, e *tendência cultural*, sem embargo das conotações e implicações semânticas que possam essas expressões apresentar com outras, a exemplo da *difusão*, *empréstimo*, *invenção*, *descoberta*, *contacto cultural*, que são, aliás, bem mais difundidas nos estudos da dinâmica cultural. Entretanto, segundo já indicamos, campos de interesse distintos devem abranger, na investigação, os conteúdos significativos dos dois grupos aludidos de conceitos, pois, decerto, não foram elaborados na

19) — Schaden, E. — ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA GUARANI — S. Paulo, 1962 — *passim*, especialmente pp. 179 e segs.

20) — Bidney, D. — *Op. cit.* — pp. 283 e 284.

mesma esfera do pensamento doutrinário, dentro da mesma classe epistêmica de objetos — temas reconhecidos na problemática antropológica.

Com efeito, percebe-se uma referência mais direta e essencial à *temporalidade* na denotação oferecida pelas expressões *acidente histórico* e *tendência cultural*, do que na respeitante àquelas outras, que parecem manter precipuamente fenômenos, objetos e atos, cumpridos ou em realização, no âmbito extenso da cultura.

Sob um critério lógico, os conceitos que aqui centralizam as nossas atenções se justificam plenamente, dado que, em última análise, eles implicam, no estudo antropológico, o reconhecimento da peculiar historicidade da cultura e do homem que, afinal de contas, é o criador daquela. E implica, no campo teórico, a compreensão de que *determinismo* e *indeterminismo* não são concepções que se excluam mutuamente, quando se trata de examinar o processo cultural, histórico, que no dizer de Bidney — “nem é uma relação de acontecimentos únicos e incoerentes, sem ritmo, nem é uma seqüência de formas rigidamente determinadas”, podendo a cultura ser olhada “como uma expressão da liberdade humana de criatividade, ainda que sujeita às limitações da natureza”.